



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XII
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DE TRABALHADORAS DO
SEXO DO SUDOESTE BAIANO

TANDY DANTE DOS PRAZERES DE MATOS ROCHA

GUANAMBI
2025

TANDY DANTE DOS PRAZERES DE MATOS ROCHA

**CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DE TRABALHADORAS DO
SEXO DO SUDOESTE BAIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação Campus XII, como requisito para conclusão da disciplina Metodologia da Pesquisa Científica III.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Andrade Rios

Coorientador: Prof. Dr. Pablo Luiz Souza Couto

Linha de Pesquisa: Epidemiologia e grupos populacionais

**GUANAMBI
2025**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
ABSTRACT.....	9
METODOLOGIA.....	10
RESULTADOS	12
DISCUSSÃO.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	18
ANEXO A – NORMAS NORMAS DA REVISTA PARA SUBMISSÃO.....	20
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	24

PÁGINA TÍTULO

CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DE TRABALHADORAS DO SEXO DO SUDOESTE BAIANO

[Tandy Dante dos Prazeres de Matos Rocha](#)

Graduando (a) do Curso de Graduação em
Enfermagem Universidade do Estado da Bahia,
Guanambi, Bahia, Brasil

[Profa. Dra. Marcela Andrade Rios](#)

Graduação em Enfermagem, Especialista em Enfermagem, Mestre em
Enfermagem, Doutor em Enfermagem
Professor(a) Auxiliar/Assistente, Adjunto do curso de
Graduação em Enfermagem
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil

[Autor para correspondência:](#)

Profa. Dra. Marcela Andrade Rios
Universidade do Estado da Bahia
Departamento de Educação –
Campus XII
Rua Vanessa Cardoso e Cardoso,
s/n – Ipanema CEP 46430-000,
Guanambi, Bahia, Brasil Fone/Fax:
(710 3451-1535 E-mail:
mrios@uneb.br

CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DE TRABALHADORAS DO SEXO DO SUDOESTE BAIANO

RESUMO

O trabalho sexual realizado por mulheres cisgêneras é uma das profissões mais antigas do mundo, entretanto, encontra inúmeros percalços em sua consolidação em diversos países como o Brasil. **Objetivo:** identificar as condições de trabalho e saúde de trabalhadoras sexuais na região sudoeste da Bahia. **Metodologia:** foi realizada uma pesquisa quantitativa, descritiva e transversal com dados das trabalhadoras do sexo que desenvolvem suas funções laborais em cidades da região do sudoeste da Bahia (Jequié, Vitória da Conquista, Brumado Guanambi e Bom Jesus da Lapa), constante no banco do projeto guarda-chuva intitulado SER E/OU ESTAR; VULNERÁVEL NO TRABALHO SEXUAL: sentidos, significados e cuidado de si na perspectiva de trabalhadoras sexuais. **Resultados:** Foram entrevistadas 191 mulheres profissionais do sexo que desempenham suas funções laborais com idade a partir dos 18 anos em cidades do sudoeste baiano. O perfil sociodemográfico encontrado demonstrou que a maior parte das trabalhadoras possui idade de até 35 anos (n= 111; 58,1%), viúvas (n=95; 49,7%), negras (somatório de pardas e pretas igual a 133 trabalhadoras), de escolaridade de até ensino médio (n=78; 40,8%) e religião católica (n=92; 48,2%). Quanto as características laborais, a maior parte desempenha suas atividades de trabalho em bares (n=97; 50,8%), possuem tempo de trabalho como profissionais do sexo de 2 a 5 anos (n=93; 48,7%), fazem de 4 a 5 programas diários (n=149; 78%) e iniciaram a desempenhar atividades como profissionais do sexo com idade entre 18 a 25 anos (n=77; 40,3%). As características de saúde, revelou um perfil de acesso aos serviços de saúde público e privado por 96 entrevistadas (50,3%), 152 realizaram exames preventivos de CA de colo do útero (79,5%), o uso de preservativo nos programas foi relatado por 178 profissionais (93,2%) e 70 delas relataram já ter apresentado diagnóstico de IST (36,7%).

Palavras chaves: informalidade, trabalhadoras do sexo, serviço de saúde.

ABSTRACT

The sex work performed by cisgender women is one of the oldest professions in the world; however, it faces numerous obstacles in its consolidation in various countries such as Brazil. Objective: to identify the working and health conditions of sex workers in the southwest region of Bahia. Methodology: a quantitative, descriptive, and cross-sectional survey was conducted with data from sex workers who carry out their labor functions in cities in the southwest region of Bahia (Jequié, Vitória da Conquista, Brumado, Guanambi, and Bom Jesus da Lapa), as part of an umbrella project titled BEING AND/OR BEING VULNERABLE IN SEX WORK: senses, meanings, and self-care from the perspective of sex workers. Results: 191 women sex professionals aged 18 and older were interviewed in cities in southwestern Bahia. The sociodemographic profile found showed that most workers are up to 35 years old (n=111; 58.1%), widows (n=95; 49.7%), black (the sum of brown and black equals 133 workers), with education up to high school (n=78; 40.8%), and Catholic (n=92; 48.2%). Regarding labor characteristics, most perform their work activities in bars (n=97; 50.8%), have been working as sex professionals for 2 to 5 years (n=93; 48.7%), engage in 4 to 5 daily appointments (n=149; 78%), and started their activities as sex professionals between the ages of 18 and 25 (n=77; 40.3%). Health characteristics revealed a profile of access to public and private health services for 96 interviewees (50.3%); 152 underwent preventive cervical cancer screenings (79.5%); condom use during appointments was reported by 178 professionals (93.2%); and 70 reported having been diagnosed with STIs (36.7%)

Keywords: informality, sex workers, health service.

INTRODUÇÃO

O serviço sexual desempenhado por mulheres cisgêneras é considerado uma das profissões mais antigas do mundo e consiste na prestação de um serviço pela trabalhadora do sexo em troca de uma remuneração, sem a existência de vínculo ou afeto, portanto, exclusivamente profissional¹. É uma profissão atualmente considerada informal no Brasil pelo Ministério do Trabalho e Emprego².

O trabalho sexual feminino tem como premissa mulheres que se inserem nesta profissão por motivos como baixa renda, ocupação em subempregos, baixa escolaridade, ser mães solteiras ou viúvas, dentre outros aspectos³. Assim, a inserção de mulheres nessa profissão ocorre geralmente por uma condição de instabilidade em suas vidas e iniquidades sociais interseccionais, sobretudo em países pobres e subdesenvolvidos⁴.

A Associação de Mulheres Trabalhadoras Sexuais da Argentina, uma entidade de mulheres feministas que lutam contra os estigmas criados pela sociedade, apresenta a prostituição como uma forma de sobrevivência para as mulheres em um mercado de trabalho desigual e exploratório⁵. O trabalho sexual feminino transcende os significados convencionais de trabalho porque é, na verdade, uma forma de sobrevivência⁷.

Nesse sentido, essas mulheres vivem à margem da sociedade, seja pela condição informal, seja pelas diversas vulnerabilidades de saúde, como o risco de contrair e disseminar infecções sexualmente transmissíveis (IST), gravidez indesejada, aborto clandestino, além da violência física e mental e da ausência de assistência previdenciária⁵. Dessa forma, a falta de políticas públicas efetivas voltadas para esse grupo as torna ainda mais vulneráveis, somando-se às questões dos estigmas presentes na sociedade em relação a essa profissão².

Essas trabalhadoras informais do sexo enfrentam um processo de estigmatização social; portanto, é relevante considerar a legalização desta profissão para que elas possam ter direitos trabalhistas e usufruir de todos os benefícios garantidos pela CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas)⁸.

Embora o trabalho sexual ainda seja algo estigmatizado e não regulamentado no

Brasil, o governo deve investir em programas de educação, saúde e socioeconômicos nas esferas federal, estadual e municipal. É importante observar que a inserção dessas trabalhadoras na profissão tem como pivô especialmente a pobreza crônica. Assim, as políticas públicas voltadas para as trabalhadoras do sexo devem garantir que elas tenham segurança no trabalho como qualquer outro profissional e melhorem suas condições sociais e laborais para acesso ao mercado formal⁷.

Ao considerar a gestão de riscos nesta perspectiva de estigma e vulnerabilidade, a educação em saúde mostra-se importante para proporcionar autonomia e protagonismo a essas mulheres no sistema de saúde. No entanto, em estudo realizado por Couto e demais autores⁹, muitas delas se encontram com medo de adentrar no sistema de saúde e serem expostas pela sua profissão; algumas sofrem comorbidades ou algum tipo de assédio ou preconceito dentro dos serviços de saúde.

Destarte, as trabalhadoras do sexo devem ser estimuladas a buscar serviços de saúde; é um direito delas serem acolhidas conforme suas necessidades por meio de um ambiente livre de estigmas. Assim, pode-se proporcionar atendimentos de qualidade que as ajudem a evitar gravidezes indesejadas, abortos e ISTs, além de abranger outros aspectos da saúde, como tratamentos e prevenção de doenças e agravos. Nesses serviços, a promoção da saúde deve ser enfatizada juntamente com as diferentes formas de violência e também a adesão ao tratamento das ISTs e encaminhamentos caso sofram agressões no trabalho⁹.

Ao realizar uma busca por estudos científicos em bases de dados nacionais e internacionais, como o Scielo, Google acadêmico, Pubmed e Medline, sobre a saúde das trabalhadoras do sexo, grande parte da produção está voltada para as IST. verificou-se uma lacuna teórica sobre a abordagem às questões relativas a essa temática no Brasil. Quando abordadas, estavam mais relacionadas às IST e suas formas de transmissão do que à promoção da saúde dessas mulheres, entretanto, como mulheres e como trabalhadoras, outros aspectos de saúde deste grupo populacional devem ser investigados para subsidiar ações e políticas de saúde.

Nesse sentido, o estudo teve por objetivo identificar as condições de trabalho e saúde de trabalhadoras sexuais em cidades na região sudoeste da Bahia.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo descritivo, transversal, do tipo inquérito para avaliar as condições de trabalho e saúde das profissionais do sexo do sudoeste da Bahia, utilizando como base de dados um projeto guarda intitulado "SER E/OU ESTAR VULNERÁVEL NO TRABALHO SEXUAL: sentidos, significados e cuidado de si na perspectiva de trabalhadoras sexuais".

O presente estudo foi realizado foi desenvolvido com dados das trabalhadoras do sexo que exercem suas funções laborais em cidades da região do sudoeste da Bahia que ficam entre a BR-116 e o Alto Sertão Produtivo, compreendendo um contingente populacional de 753.569.¹⁰

Os critérios de inclusão utilizados foram: idade a partir de 18 anos e que trabalhassem como profissionais do sexo nas cidades onde o estudo estava sendo realizado. A coleta de dados primários do projeto "SER E/OU ESTAR VULNERÁVEL NO TRABALHO SEXUAL: sentidos, significados e cuidado de si na perspectiva de trabalhadoras sexuais" ocorreu entre 2017 e 2020 (pré-pandemia da COVID-19), por meio de snowball iniciado pelas agentes comunitárias de saúde e pela aplicação de um formulário a todas as trabalhadoras que aceitaram participar do estudo. Os dados foram coletados em salas de reuniões de centros de testagem e acolhimento, Unidades de Estratégia da Saúde da Família, residências das participantes, locais de trabalho em turno oposto ao seu horário e durante os intervalos entre atendimentos a clientes¹.

O snowball ou bola de neve é um método não probabilístico utilizado para recrutar pessoas de difícil acesso para um estudo, seja por conta de assuntos delicados ou polêmicos em âmbito privado. Dessa forma, o recrutamento é feito a partir de outras pessoas que conhecem outras, formando assim um grupo amostral¹². Por meio desta técnica, chegou-se a um quantitativo de 191 trabalhadoras do sexo.

O instrumento utilizado para a coleta de dados contemplou as variáveis categorizadas nos aspectos sociodemográficos, condições de saúde e condições de

trabalho. Com relação a este estudo, foram pesquisadas as seguintes variáveis: características sociodemográficas (sexo feminino, faixa etária a partir dos 18 anos, escolaridade e raça/cor), condições de trabalho (tipo de jornada, local e tempo) e condições de saúde (acesso aos serviços de saúde, serviços onde passaram por atendimento, doenças crônicas e exames realizados no último ano).

Os dados coletados foram analisados por meio do programa Stata SE, versão 17, com cálculos das medidas de tendência central e dispersão para as variáveis quantitativas e frequências para as qualitativas.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, obedecendo aos preceitos éticos da resolução e foi aprovado sob o número CAAE 60984022.9.0000.0055 e parecer nº 5.735.368, Jequié, 01 de novembro de 2022. Todas as participantes da pesquisa "guarda-chuva" aceitaram participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

Foram entrevistadas 191 mulheres profissionais do sexo que desempenham suas funções laborais com idade a partir dos 18 anos em cidades do sudoeste baiano. O perfil sociodemográfico encontrado demonstrou que a maior parte das trabalhadoras possui idade de até 35 anos (n= 111; 58,1%), viúvas (n=95; 49,7%), negras (somatório de pardas e pretas igual a 133 trabalhadoras), de escolaridade de até ensino médio (n=78; 40,8%) e religião católica (n=92; 48,2%), conforme visualizado na tabela 1.

Tabela 1. Características sociodemográficas das profissionais do sexo pesquisadas em cidades baianas, 2020.

Características sociodemográficas	n	%
Faixa etária		
Até 35 anos	111	58,1
36 ou mais	80	41,9
Situação conjugal		
Viúva	95	49,7
casada/união estável	86	45
Divorciada	10	5,2
Raça/cor		
Amarela	1	5
Branca	57	29,8
Parda	66	34,6
Preta	67	35,1

Indígena	1	5
Escolaridade		
não alfabetizada	8	4,2
ensino fundamental	63	33,0
ensino médio	78	40,8
ensino superior incompleto	9	4,7
ensino superior completo	33	17,3
Religião		
Católica	92	48,2
Evangélica	51	26,7
Espirita	14	7,3
Umbanda	8	4,2
Candomblé	12	6,3
Outra	14	7,3
TOTAL	191	100

Quanto as características laborais das profissionais, a maior parte desempenha suas atividades de trabalho em bares (n=97; 50,8%), possuem tempo de trabalho como profissionais do sexo de 2 a 5 anos (n=93; 48,7%), fazem de 4 a 5 programas diários (n=149; 78%) e iniciaram a desempenhar atividades como profissionais do sexo com idade entre 18 a 25 anos (n=77; 40,3%), conforme tabela 2.

Tabela 2. Características laborais das profissionais do sexo pesquisadas em cidades baianas, 2020.

Características laborais	N	%
Local de trabalho		
Casa	5	2,6
Bares	97	50,8
Quarto alugado	89	46,6
Tempo de trabalho como profissional do sexo		
Até 1 ano	28	14,7
De 2 a 5 anos	93	48,7
De 6 a 10 anos	28	14,7
De 11 a 15 anos	19	9,9
Mais de 15 anos	23	12,0
Número de programas diários		
até 3 programas	12	6,3
de 4 a 5 programas	149	78,0
mais de 5 programas	30	15,7
Idade que começou a trabalhar como profissional do sexo		
menor que 18 anos	32	16,8
de 18 a 25 anos	77	40,3
26 a 35 anos	59	30,9
mais que 35 anos	12	12
TOTAL	191	100

A análise das características de saúde, tabela 3, revelou um perfil de acesso

aos serviços de saúde público e privado por 96 entrevistadas (50,3%), 152 realizaram exames preventivos de CA colo do útero (79,5%), o uso de preservativo nos programas foi relatado por 178 profissionais (93,2%) e 70 delas relataram já ter apresentado diagnóstico de IST (36,7%)

Tabela 3. Características de saúde das profissionais do sexo pesquisadas em cidades baianas, 2020.

Características de saúde	n	%
Tipo de serviço de saúde que acessa		
Exclusivamente publico	95	49,7
Público e privado	96	50,3
Realização exames preventivos de CA colo útero		
Sim	152	79,5
Não	39	24,5
Uso de preservativo nos programas		
Sim	178	93,2
Não	13	6,8
Já foi diagnosticada com alguma IST		
Sim	70	36,7
Não	121	63,3
TOTAL	191	100

DISCUSSÃO

O perfil sociodemográfico da população estudada é composto por mulheres de até 35 anos, viúvas, com escolaridade de até o ensino médio e religião católica. Contudo, a falta de estudos sobre esta temática, a carência de dados estatísticos provenientes de instituições de credibilidade e a clandestinidade da atividade sexual remunerada dificultam a comparação de dados, como evidenciado em um estudo mais recente sobre o tema.¹¹

Em estudos como os de Da Cruz, França e Benoit, é discutido que as mulheres profissionais do sexo se inserem nessa profissão por diversos fatores, tais como a baixa escolaridade e a condição de serem mães solteiras ou viúvas. Essas características aparecem em predominância no perfil sociodemográfico das trabalhadoras do sexo deste estudo. Leite, Murray e Lenz inferem que, diante de alguma situação de instabilidade em suas vidas, o anseio por uma solução para condições adversas leva essas mulheres a adentrarem na profissão.¹³⁻⁴⁻¹⁴

Assim, na perspectiva da instabilidade financeira, como o desemprego ou a perda do cônjuge, essas mulheres optam pela profissão, assim como pela falta de recursos financeiros⁶. Tal dado pode ser analisado conjuntamente com a raça/cor das trabalhadoras, evidenciando a relação entre instabilidade financeira e raça/cor negra. Segundo dados do IBGE (2021), o rendimento médio mensal per capita é menor para mulheres negras (somando pardas e pretas); portanto, algumas delas, por não terem oportunidades de emprego ou por não desejarem ocupar subempregos, escolhem a profissão do sexo como alternativa de trabalho¹⁵.

A média salarial das mulheres negras é inferior devido ao racismo estrutural presente no Brasil, que leva a uma divisão racial do trabalho. Esse fenômeno se manifesta de diversas maneiras, afetando não apenas as oportunidades de emprego, mas também a qualidade do trabalho que essas mulheres conseguem e os estereótipos que enfrentam. Historicamente, as mulheres negras têm sido relegadas a trabalhos menos valorizados e com salários mais baixos. Isso se deve à intersecção de fatores raciais e de gênero, onde o racismo estrutural e o machismo se combinam para criar barreiras ainda maiores. Muitas vezes, elas são associadas a trabalhos domésticos, cuidados e serviços informais que são desvalorizados pela sociedade¹⁸.

Ao considerar as características laborais, foi evidenciado que as profissionais do sexo desenvolvem suas atividades sexuais em bares, com duração média dentro da profissão de 2 a 5 anos, realizando de 4 a 5 programas por dia e adentrando na profissão entre 18 e 25 anos. Neste contexto, dentro da prostituição, as profissionais do sexo são desencorajadas a permanecer na profissão devido ao estigma social e às próprias condições de trabalho. Elas compreendem, ao ingressarem na atividade, que é difícil obter recursos financeiros por meio da comercialização do corpo, uma vez que a prestação de serviços sexuais remunerados é um desafio. Em razão disso, o tempo de permanência das mulheres na profissão é curto. As más condições de trabalho, as situações às quais são submetidas e as vulnerabilidades a que ficam expostas contribuem para a alta rotatividade nesse contexto. As trabalhadoras sexuais enfrentam desafios significativos que dificultam sua permanência na profissão, como a exploração, a violência e a falta de acesso a direitos básicos¹⁷.

Neste cenário, a inserção das mulheres na profissão, em sua maioria, ocorre na faixa etária entre 18 e 25 anos; não obstante, algumas delas adentram com apenas 12 anos¹⁷. Sob essa perspectiva, os dados apresentados evidenciam a inserção de menores na prostituição. Dessa forma, é demonstrada a manifestação da prostituição infanto-juvenil

nas cidades do sudoeste baiano. A prostituição infantil no Brasil é crime, conforme o Código Penal e o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)¹⁹.

Além disso, um estudo realizado pelo Ministério dos Direitos Humanos afirma que o Brasil registrou 175 mil casos de exploração sexual de crianças e adolescentes entre 2012 e 2016, o que representa uma média de quatro casos por hora. A história do Brasil pode contribuir para a situação da violação sexual infantojuvenil em virtude da formação de uma sociedade que se beneficiava da exploração da população indígena e africana. Sendo o Brasil uma sociedade profundamente marcada por preconceitos que instrumentalizam as pessoas com a intenção de aumentar o capital, foi construída uma estrutura que abusa e explora crianças e adolescentes, especialmente aqueles que vivem nas periferias. Isso desenvolve um ciclo de violência que se perpetua e se adapta às lacunas existentes, como a falta de fiscalização, a ausência de responsabilização das famílias e a carência de políticas públicas. Não há muitos estudos voltados à prostituição infantil; concomitante a isso, há poucas denúncias, gerando dados incompatíveis com a realidade²⁰.

O governo brasileiro posterga o debate sobre a formalização da atividade sexual remunerada. Embora tenham havido iniciativas para tal fim, a exemplo do projeto de Lei nº 4211/2012, batizado como Lei Gabriela Leite²². A falta de consenso entre as lideranças governamentais nacionais sobre a temática da formalização da atividade sexual remunerada traz enormes danos à saúde pública, como a exposição das profissionais do sexo à violência física e emocional, gravidezes indesejadas, abortos clandestinos, exposição e disseminação das ISTs e ausência de assistência previdenciária. A formalização da atividade sexual remunerada traz melhorias nas condições de saúde e segurança laboral para as profissionais do sexo²³.

As características de acesso ao serviço de saúde evidenciaram que estas mulheres realizam o exame preventivo de câncer de colo de útero, fazem uso de preservativo e não têm diagnóstico de IST (infecção sexualmente transmissível). Em sua maioria, não houve diferenças significativas entre as que utilizam exclusivamente o serviço público de saúde e as que utilizam tanto o público quanto o privado. Todavia, em estudo realizado, aponta-se que parte dessas mulheres evita ir ao serviço público de saúde por receio devido ao preconceito, estigma e ao descrédito social direcionado a elas²³.

Em decorrência disso, as profissionais do sexo têm medo de serem expostas por sua profissão ou pelas comorbidades que possuem. Assim, dependendo da enfermidade que as acomete, optam por procurar o serviço privado de saúde porque acreditam ter, de

fato, confidencialidade. Por isso, as Unidades Básicas de Saúde devem fazer rastreio dessas profissionais e estimulá-las a procurar o serviço público de saúde, onde deverão encontrar um local seguro, livre de estigmas e que tente compreender toda a sua complexidade laboral e feminina⁹.

Destarte, no tocante à saúde das profissionais do sexo, o câncer de colo de útero (CCU) é o terceiro de maior incidência e mortalidade no Brasil entre as mulheres, com maior incidência no Nordeste. Dessa forma, o Papanicolau, conhecido como exame preventivo — exame este que normalmente é realizado nas UBS — tem como finalidade o rastreio do CCU. O exame é rápido, simples e indolor; este preconiza a detecção de lesões precursoras do câncer, a fim de detectar em sua fase inicial antes que comecem os sintomas²⁵.

Este câncer possui como um dos principais causadores o HPV (Papilomavírus Humano). A mulher pode ser exposta a este vírus através da relação sexual sem uso de preservativos; desse modo, o exame citopatológico do colo do útero é de suma importância para a detecção precoce de sinais de infecção pelo HPV. Quando se trata da mulher trabalhadora do sexo, essa importância é exacerbada, pois este grupo faz parte das situações de risco por conta da própria atividade laboral. Os dados do presente estudo demonstraram que um grande quantitativo das profissionais realizou o exame; todavia, aproximadamente 25% das mulheres não realizaram, ou seja, 1 a cada 4 profissionais do sexo não realiza o exame preventivo. Esse fato pode impactar essas trabalhadoras a longo prazo, por se tratar de um câncer inicialmente assintomático e de longa progressão, podendo levar até 10 anos para que surjam os primeiros sintomas²⁵.

Na perspectiva das IST, embora menos da metade das mulheres, conforme a Tabela 3, tenha relatado ter diagnóstico de IST (36,7%), as mulheres são comumente afetadas por essas infecções de forma desproporcional. Elas apresentam maior prevalência de contrair ISTs e enfrentam efeitos debilitantes na saúde ao longo da vida, devido à própria anatomia urogenital feminina e fatores econômicos e socioculturais²⁶. Dessa forma, a realização de testes precisos e rápidos para detecção de Infecções Sexualmente Transmissíveis é fundamental para a prevenção, promoção da saúde e a redução de complicações associadas a esse grupo de infecções²⁵.

Diante do exposto, a utilização de preservativo mostrou-se positiva porque mais de 90% das entrevistadas relataram fazer uso de preservativo. No tocante ao diagnóstico de IST, mais da metade das entrevistadas apontou que não possui diagnóstico positivo. Quando se analisam essas variáveis com as que realizam o exame preventivo, evidencia-

se uma possível preocupação das mulheres com a saúde e o conhecimento dos riscos das relações sexuais desprotegidas¹⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi realizado utilizando o método de amostragem “snowball”, conhecido como bola de neve. Esse método consiste em uma técnica de amostragem não probabilística que utiliza redes de referência para acessar grupos de difícil acesso ou estudar temas privados. No presente estudo, foram utilizados os ACS (Agentes Comunitários de Saúde) para realizar a interceptação das profissionais do sexo, resultando em 191 entrevistadas.

Uma das vantagens da amostragem bola de neve é localizar indivíduos de uma população específica, investir menos dinheiro e tempo na amostragem e não requerer planejamento complexo. Todavia, a amostra obtida por meio da amostragem bola de neve pode estar sujeita a vieses, pois o recrutamento depende das características e conexões das sementes iniciais.

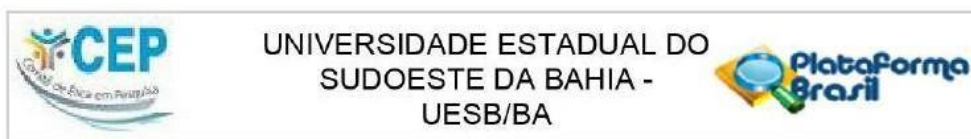
Com os resultados do estudo, espera-se contribuir com o conhecimento científico acerca das trabalhadoras do sexo, em especial suas condições de saúde e trabalho no que tange à inserção das mesmas no sistema público de saúde.

REFERÊNCIAS

1. Couto, P. L.S. EU ENFRENTO A RUA PARA SUPRIR MINHAS NECESSIDADES”: sentidos da vulnerabilidade e formas de enfrentamento/cuidado de si atribuídos por trabalhadoras sexuais, **Tese de doutorado**, UESB, Jequié, 2023.
2. Brito, N et al. Cotidiano de trabalho e acesso aos serviços de saúde de mulheres profissionais do sexo. **Revista Rene**, v. 20, e33841, 2019.
3. França, M. A vida pessoal de trabalhadoras do sexo: dilemas de mulheres de classes populares. **Sexualidad, Salud y Sociedad Revista-Latinoamericana**, n. 25, p. 134-55, 2017.
4. Leite, g. S.; Murray, l.; Lenz, f. O Par e o Ímpar: o potencial de gestão de risco para a prevenção de DST/HIV/AIDS em contextos de prostituição. *Revista brasileira de Epidemiologia*, v. 18, p. 7-25, 2015.
5. Martynowsky, J. E. Prostituição e feminismo (s). Disputas de reconhecimento nos Encontros Nacionais de Mulheres (Argentina). **Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana.**, n. 30, p. 22-49, 2018.
6. Karamouzian, M et al. How sex work becomes an option: Experiences of female sex workers in Kerman, Iran. **Cult Health Sex**, v. 18, n. 1, p. 58-70, 2016.
7. Abal, F. C.; Schroeder, P. Dos S.; Prostituição, estigma e marginalização: o reconhecimento do vínculo de emprego das profissionais do sexo. **Espaço Jurídico: Journal of Law**, v. 18, n. 2, p. 509-524, 2017.
8. Muhindo, R et al. “I felt very small and embarrassed by the health care provider when I requested to be tested for syphilis”: barriers and facilitators of regular syphilis and HIV testing among female sex workers in Uganda. **BMC Public Health**, v. 21, n. 1, p. 1-12, 2021.
9. Couto, P. L. S et al. Saúde mental de trabalhadoras sexuais na pandemia da COVID-19: agentes estressores e estratégias de coping. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3571-3582, 2022.
10. Vinuto, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.
11. Salmeron, Neiva de Alencar; Pessoa, Thalita Almeida Martins. Profissionais do sexo: perfil socioepidemiológico e medidas de redução de danos. **Acta paulista de enfermagem**, v. 25, p. 549-554, 2012.
12. Trabalhadoras sexuais, **Tese de doutorado**, UESB, Jequié, 2023.
13. Da cruz, Niége Lago et al. O cuidado com a saúde das mulheres profissionais do sexo: uma revisão narrativa. **Disciplinarum Scientia| Saúde**, v. 17, n. 3, p. 339-352, 2016.
14. Benoit, C., Smith, M., Jansson, M., Healey, P., & Magnuson, D. (2018). “O problema da prostituição”: alegações, evidências e resultados de políticas. *Arquivos de comportamento sexual*, 48, 1905 - 1923.
15. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados-População Residente: Principais informações sobre o município. Rio de Janeiro: IBGE, 2022
16. Couto, P. L. S. et al. Representações sociais de mulheres profissionais do sexo sobre sua sexualidade. **Investir. Educ. Enferm**, v. 38, e03, 2020

17. Couto, Pablo Luiz Santos et al. Correlação entre marcadores de vulnerabilidade social frente ao uso do preservativo por trabalhadoras sexuais. **Saúde e Pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 591-599, 2019.
18. Alves, Leonardo Dias. A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. *Revista Katálysis*, v. 25, n. 2, p. 212-221, 2022.
19. Jusbrasil. Exploração sexual é crime previsto no Código Penal e no Estatuto da Criança. JusBrasil, 2024. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/exploracao-sexual-e-crime-previsto-no-codigo-penal-e-no-estatuto-da-crianca/2399848>
20. Fernandes, Julia Araújo. Abuso e exploração sexual infanto-juvenil: o impacto de belo monte e como prevenir. 2020.
21. Hounmenou, Charles. Exploring child prostitution in a major city in the West African region. **Child Abuse & Neglect**, v. 59, p. 26-35, 2016.
22. Jusbrasil. Entenda o projeto de lei de regulamentação da prostituição. Jusbrasil, 2024. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/entenda-o-projeto-de-lei-de-regulamentacao-da-prostituicao/378596728>
23. Couto, P. L. S et al. Saúde mental de trabalhadoras sexuais na pandemia da COVID-19: agentes estressores e estratégias de coping. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3571-3582, 2022.
24. Moraes, Isabela da Silva Mota et al. A importância do exame preventivo na detecção precoce do câncer de colo uterino: uma revisão de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, v. 10, p. e6472-e6472, 2021.
25. Van Gerwen, Olivia T et al. “Sexually transmitted infections and female reproductive health.” *Nature microbiology* vol. 7,8 (2022)
26. McCormack, Denise, and Kathryn Koons. “Sexually Transmitted Infections.” *Emergency medicine clinics of North America* vol. 37,4 (2019)
27. ALVES, Leonardo Dias. A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 212-221, 2022.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "SER E/OU ESTAR, VULNERÁVEL NO TRABALHO SEXUAL: sentidos, significados e cuidado de si na perspectiva de trabalhadoras sexuais"

Pesquisador: Pablo Luiz Santos Couto

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 60984022.9.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.735.368

Apresentação do Projeto:

Apresentado pelo pesquisador: "O serviço sexual exercido por mulher cisgêneras, tem sido ao longo da história se desenvolvido paralelo à conformação da sociedade. Ao mesmo tempo, explorado nas sociedades regidas pelo patriarcado para satisfação do homem, é invisibilizado e marginalizado, portanto, estigmatizado, pois além de envolver a sexualidade feminina e as práticas sexuais como instrumento de trabalho de mulheres que rompem como o determinismo sociocultural do ser mulher, em troca de dinheiro/renda para subsistência, autonomia e independência financeira. As trabalhadoras do sexo ou profissionais do sexo, termo técnico dado pelo Ministério do Trabalho e Emprego às mulheres no exercício desse labor, não tem seus direitos humanos e trabalhistas assegurados, mesmo tendo o seu reconhecimento pelo Estado, logo interferindo na dignidade da pessoa humana. [...] Trata-se de um estudo misto, multiteórico-metodológico e filosófico, ancorado na Teoria das Representações Sociais, na Fenomenologia Heideggeriana e no conceito Filosófico do Cuidado de Si proposto por Foucault. Os locais de estudo serão 05 municípios que circundam a BR-116 e o Alto Sertão Produtivo Baiano: Jequié, Vitória da Conquista, Guanambi, Brumado e Bom Jesus da Lapa. As participantes serão trabalhadoras sexuais de tais municípios, que serão incluídas mediante a técnica de recrutamento Snowball. Como técnicas de coleta de dados, estabeleceu-se: questionário estruturado de caracterização, técnica de associação livre de palavras (TALP), entrevista em profundidade e fenomenológica e escala Likert de autopercepção da vulnerabilidade. As respostas oriundas da

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.208-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepiq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.735.368

aplicação dos instrumentos referentes às técnicas adotadas serão analisadas, respectivamente com análise estatística (questionário e escala), os softwares EVOC e TriDeuxMost para TALP, o software Alceste e a Hermenêutica-Dialética para as narrativas decorrentes da Entrevista em Profundidade e o Movimento Hermenêutico Heideggeriano com Hermenêutica Dialética para a Entrevista Fenomenológica. [...] Após aprovação pelo CEP será feita aproximação do campo, início da snowball, reconhecimento das participantes e aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para início da coleta de dados.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Apreender as representações sociais elaboradas por trabalhadoras do sexo, tanto na perspectiva do saber social, quanto dos sentidos e significados, acerca do ser e/ou estar vulnerável no serviço sexual, bem como das formas de cuidado de si para enfrentamento das situações vulnerabilizadoras.

Objetivos Secundários:

- a) Identificar o conteúdo das representações sociais do ser e/ou estar vulnerável por trabalhadoras sexuais;
- b) Refletir o conteúdo das representações que remetem ao cuidado de si, como forma de enfrentamento às vulnerabilidades.
- c) Desvendar os sentidos e significados atribuídos pelas trabalhadoras sexuais ao conceito de vulnerabilidade, a partir do cotidiano da profissão;
- d) Compreender o processo de objetivação e ancoragem nas representações sociais de trabalhadoras sexuais sobre vulnerabilidade no exercício laboral;
- e) Analisar a estrutura e a centralidade das representações sociais de trabalhadoras sexuais sobre vulnerabilidade no exercício laboral.
- f) Mensurar as condições de vulnerabilidade na vivência do trabalho sexual por meio da autoavaliação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresentados pelo pesquisador conforme se segue:

Riscos: “Os riscos advindos deste estudo tratam-se de alguns constrangimentos que você pode passar durante as entrevistas, como não se sentir à vontade em responder alguns questionamentos por considerarem invasivo, pessoal e privado, bem como possam ensejar memórias ou sensações desagradáveis ou vazamento de alguma resposta que não queira que

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.208-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.735.368

outros saibam. Para minimizar os riscos, não exporemos o seu nome, as entrevistas serão individualizadas e em espaços reservados, as folhas com respostas aos questionários e roteiros de entrevistas serão colocadas em envelopes e lacrados na sua frente, no intuito de que outras pessoas, que não sejam os pesquisadores, venham ter acesso. Durante a entrevista, as quais serão gravadas com o auxílio de dispositivos eletrônicos, como aparelhos celulares, a fim de que não se perca nenhuma informação fornecida pelas participantes. Caso a senhora venha sentir algum desconforto físico ou psicoemocional será providenciado atendimento emergencial no local da coleta. E, caso venha sofrer algum dano psicoemocional decorrente da pesquisa, será assegurado a você os encaminhamentos e suporte social e psicológico possibilitados pelos serviços do Sistema Único de Saúde, além do o direito ao ressarcimento ou indenização.”

Benefícios: “Proporcionar às trabalhadoras sexuais um cuidado de enfermagem e dos demais profissionais de saúde, baseados nas necessidades diárias apontadas por elas. Além disso, garantir com que as políticas públicas já formalizadas, sejam implementadas abrangendo essas mulheres: pré-natal, saúde mental, prevenção aos cânceres de mama e colo do útero, planejamento familiar, dentre outros e, não apenas prevenção às infecções sexualmente transmissíveis e ao HIV/AIDS (IST/HIV/AIDS). Promover um cuidado a partir do que de fato as trabalhadoras sexuais consideram como vulnerabilidades, as quais podem ser responsáveis pelas surgimento de problemas e agravos em saúde, assim como ajudá-las a criar estratégias de enfrentamento frente a exposição às situações vulnerabilizadoras, bem como formas de cuidar de si mesmas durante o exercício do trabalho sexual.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Proposta de Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como pré-requisito para a etapa de qualificação durante o processo de doutoramento, com orientação da professora Dra. Alba Benemérita Alves Vilela e coorientação do professor Dr. Antônio Marcos Tosoli Gomes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados pelo pesquisador nesta versão 4, conforme se segue:

- PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_1975415.pdf em 26/10/2022 – OK
- tcle.pdf em 26/10/2022 – OK
- projeto.pdf em 26/10/2022 – OK

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45 206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.735.368

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências foram corrigidas e o projeto está aprovado. O pesquisador precisa apenas estar atento à seguinte solicitação:

Relatórios:

- Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião por videoconferência, autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB autorizou a aprovação por ad referendum assim que as pendências fossem sanadas. Portanto, fica aprovado o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1975415.pdf	26/10/2022 08:56:56		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	26/10/2022 08:56:38	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	26/10/2022 08:56:16	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	04/07/2022 17:10:09	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaocompromissopesquisador.pdf	04/07/2022 17:09:01	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito
Outros	bomjesusdalapa.pdf	29/06/2022 23:21:48	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito
Outros	brumado.pdf	29/06/2022 23:21:12	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito
Outros	vitoriaconquista.pdf	29/06/2022 23:20:49	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito
Outros	jequie.pdf	29/06/2022 23:20:10	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito
Outros	guanambi.pdf	29/06/2022 23:19:47	Pablo Luiz Santos Couto	Aceito

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45 206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 5.735.368

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 01 de Novembro de 2022

Assinado por:

Leandra Eugenia Gomes de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)

Bairro: Jequezinho **CEP:** 45.208-510

UF: BA **Município:** JEQUIE

Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

ANEXO B – FOLHA DE APROVAÇÃO